

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2023

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023 ISSN: 0872-6086

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7919687>

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

A OCUPAÇÃO CALCOLÍTICA DA ENCOSTA DE SANT'ANA (LISBOA)

THE CHALCOLITHIC OCCUPATION OF THE HILLSIDE OF SANT'ANA (LISBON)

Filipe Martins¹, Vasco Leitão² & João Luís Cardoso³

Abstract

The Chalcolithic ceramic and metal remains collected in preventive archaeological excavations carried out at the Encosta de Sant'Ana (hillside of Sant'Ana) settlement (Lisbon) are studied.

The decorated ceramic set, mostly belonging to the bell-beaker complex, despite being small, is of great interest, due to the diversity of patterns and decorative techniques, the incised technique being largely dominant, coexisting with the ceramic productions of the “acacia leaf” group that occur in less quantity.

The presence of such vestiges, which culturally prove the occupation of the site during the Full/Late Chalcolithic, along with its implantation characteristics on the ground have equivalent in other known occurrences in the region of the same period, revealing a complex picture in the occupation strategy of the territory and exploitation of the respective resources during the second half of the 3rd millennium BC.

Keywords: Bell-Beaker; Encosta de Sant'Ana; Lisbon

1 – INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O sítio arqueológico da Encosta de Sant'Ana localiza-se no centro histórico de Lisboa, freguesia de Santa Justa, com as seguintes coordenadas geográficas: 38° 43' 02" N; 09° 08' 02" W. Implanta-se no sopé da colina de Sant'Ana, formada por Areolas da Estefânia, de idade miocénica, virada a nascente para um antigo esteiro do rio Tejo, hoje totalmente desaparecido, que ocupava a praça do Martim Moniz (MURALHA & COSTA, 2006) (Fig. 1).

Apesar da profunda antropização da área da baixa de Lisboa, marcada pela alteração do relevo natural e por uma densa malha urbana, são ainda hoje visíveis os traços gerais da paisagem que serviu de cenário do povoamento das comunidades Pré-históricas. Ao esteiro da Baixa, hoje uma extensa plataforma artificial que serviu de base à reconstrução pombalina, confluíam duas ribeiras que corriam junto ao sopé das vertentes

¹ Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). pulsar_da_historia@hotmail.com

² Centro de Arqueologia de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa). vasco.leitao@cm-lisboa.pt

³ Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador do ICArEHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pt

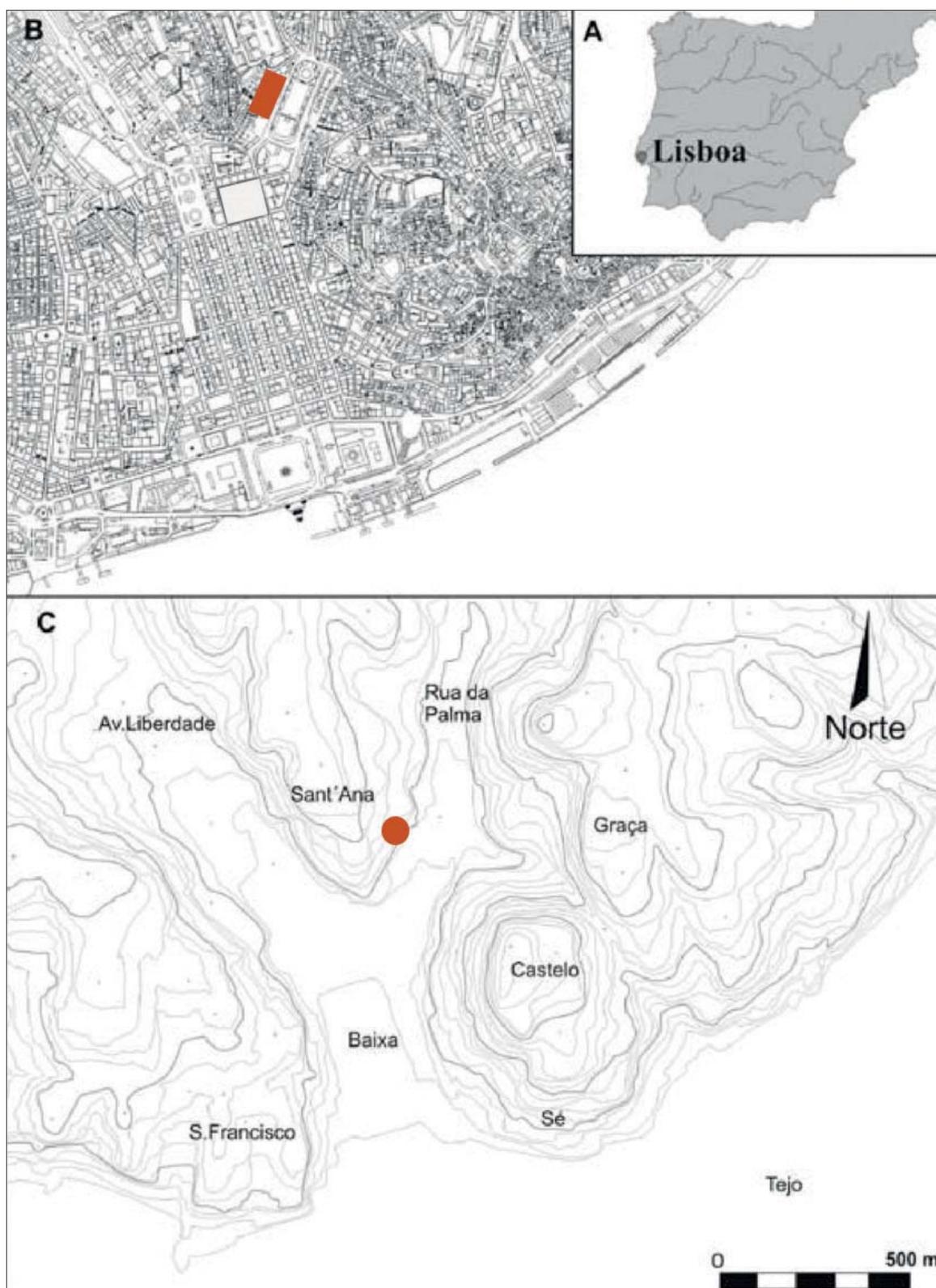


Fig. 1 – Encosta de Sant’Ana. A) Localização na Península ibérica; B) Implantação na malha urbana actual de Lisboa; C) Localização da ocupação calcolítica na planta isométrica de Lisboa (curvas de nível actuais).

nascente e poente do monte de Sant'Ana: a ribeira de Arroios (Av. Almirante Reis e Rua da Palma) e a ribeira de Valverde (Rua de S. José e Rua das Portas de Santo Antão).

A evolução da morfologia da encosta de onde provêm os materiais agora estudados apresenta-se complexa, sendo condicionada pela sua estrutura geológica, a que se somam as numerosas ocupações antrópicas que conheceu ao longo dos séculos, conjugada com os efeitos dos sucessivos eventos catastróficos que a atingiram, de que se destaca o terramoto de 1755, entre outros.

O enquadramento geoarqueológico do local foi detalhado em anteriores publicações sobre a estação (LEITÃO & HENRIQUES, 2014; ANGELUCCI *et al.*, 2004; ANGELUCCI *et al.*, 2007), e mais recentemente, em estudo sobre a sua ocupação neolítica (LEITÃO, CARDOSO & MARTINS, 2021; CARDOSO, MARTINS & LEITÃO, 2023, no prelo).

2 – TRABALHOS REALIZADOS E CONTEXTO DOS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

A intervenção arqueológica na Encosta de Sant'Ana procurou aferir o potencial arqueológico da área afectada a um projecto de urbanização, da iniciativa da EPUL, Empresa Pública da Urbanização de Lisboa. A primeira fase das investigações decorreu em 2002, tendo resultado na identificação de uma presença neolítica, a par de outra, situada em zona da encosta mais a montante, da Idade do Bronze, para além da identificação de outros testemunhos de cronologia mais recente (ANGELUCCI, COSTA & MURALHA, 2004; ANGELUCCI *et al.*, 2007; MURALHA & COSTA, 2006).

Numa segunda fase dos trabalhos, que decorreu entre 2004 e 2006, procedeu-se ao alargamento das áreas anteriormente investigadas, sob direcção de Manuela Leitão e de um de nós (V. L.). As áreas intervencionadas evidenciaram dois grandes momentos de ocupação antiga, já anteriormente identificados, do Neolítico e da Idade do Bronze, parcialmente selados por camadas de coluvião. Estas duas ocupações sobrepõem-se no espaço, divergindo sobretudo na sua implantação altimétrica, como ficou visível nos diversos cortes estratigráficos apresentados em artigo anterior (LEITÃO, CARDOSO & MARTINS, 2021).

A área de intervenção ocupou uma extensa faixa longitudinal no sopé da encosta, e perto de um troço conservado da Cerca Fernandina (Séc. XIV), que inclui a torre do “jogo da pela” (Fig. 2).

A zona a afectar pelo projecto foi escavada em área e dividida, desde o início da primeira intervenção do local, em cinco sectores designados de A a E (Fig. 3). Cada um destes sectores foi escavado segundo uma metodologia específica dependendo da progressão do plano da obra no terreno, e conforme os contextos identificados no decurso dos trabalhos. Deste modo, cada sector assumiu, uma dinâmica de escavação própria.

Na primeira intervenção realizada em 2002, os materiais calcolíticos foram detectados nos sectores A, H e E (MURALHA & COSTA, 2006). Na segunda fase dos trabalhos, realizada entre 2004 e 2006, foram igualmente detectados materiais dessa cronologia essencialmente nos sectores A e H. A única excepção no sector E corresponde a uma estreita faixa de terreno que atravessava o subsector IV e VIII (contíguos) junto do seu limite Norte. Neste local preciso, a camada 4 (coluvião antigo), terá atingido uma potência mais significativa, parecendo ter colmatado uma linha de escorrências de vertente que arrastou depósitos e materiais que teriam sido originalmente depositados a cotas superiores. Acresce ainda a particularidade de ter sido detectado neste local e com a mesma orientação (NO-SE) o que restava de uma conduta de secção quadrangular, em cascão, que drenaria as águas de vertente e do edificado pós terramoto.



Fig. 2 – Encosta de Sant'Ana. Vista geral de intervenção arqueológica.

A sequência estratigráfica definida foi baseada na observação de diversos cortes estratigráficos realizados nos diferentes subsectores escavados, a qual, de cima para baixo pode ser descrita do seguinte modo:

- Camada 1** – Topo da sequência estratigráfica ocupada por entulhos modernos e pelos embasamentos e infra-estruturas das edificações construídas após o Terramoto de 1755.
- Camada 2** – Camada espessa com origem coluvionar, denominada por CLR (coluvião recente), constituída por sucessivos depósitos que cobrem de forma mais ou menos contínua toda a encosta, de natureza silto-arenosa com quantidade variável de elementos calcários em geral de pequeno tamanho.
- Camada 3** – Nível de ocupação da Idade do Bronze, com espólios e estruturas pétreas muito residuais e danificadas, bem como restos faunísticos.
- Camada 4** – Espessa camada de origem coluvionar denominada por CLA (coluvião antigo), formada por sedimentos siltosos com frequentes blocos calcários mais ou menos margosos (fase de deposição de cronologia incerta com materiais calcolíticos).
- Camada 5** – Nível de ocupação neolítica, com espessura média de 30-40 cm, assente em paleossolo de origem aluvionar, representado por estruturas habitacionais, associadas a abundantes espólios arqueológicos e faunísticos (depósito selado).
- Camada 6** – Substrato geológico, representado por paleossolo avermelhado estéril que se desenvolvia ao longo do antigo sopé da encosta.

Os espólios recolhidos foram reportados aos Sectores, subsectores e à quadrícula previamente estabelecida, permitindo a sua localização em planta (Fig. 3).

Deste modo, a distribuição dos vestígios, atribuídos ao Calcolítico Pleno/Final, foram os seguintes:

- Sector A – 9 ex. (Fig. 5, n.º 2; Fig. 6, n.º 1, 3, 4, 6, 7 e 8; Fig. 8, n.º 1 e 2);
- Sector E – 9 ex. (Fig. 4, n.º 3 e 4; Fig. 7, n.º 1, 3 a 6; Fig. 8, n.º 3 e 4);
- Sector H – 12 ex. (Fig. 4, n.º 1 e 2; Fig. 5, n.º 1, 3 a 5; Fig. 6, n.º 2, 5, 9 e 10; Fig. 7, n.º 2; Fig. 8, n.º 5).

A distribuição espacial dos fragmentos campaniformes evidencia maior concentração de materiais no Sector H, apesar de ser evidente a assinalável dispersão destes pela área intervencionada, interessando o sector que, da meia-encosta (no limite NO da intervenção, junto da Rua do Arco da Graça), se desenvolve até à base da mesma.

O sector H corresponde a uma área de pente acentuada ocupada por uma escadaria que atravessa o novo empreendimento urbanístico. Sob a mesma, existe uma conduta de alvenaria de lajes de calcário que acompanha toda a encosta. Neste sector não foi esgotada toda a potência estratigráfica, já que os contextos medievais e romanos ocuparam por longo tempo o espaço disponível. A informação neste sector sobre os contextos pré-históricos é escassa e truncada, podendo no entanto tais ocupações estarem associadas tanto à formação da camada 4 como da camada 5, neste último caso em contexto primário. Apesar da dispersão de materiais no sector H, a maior concentração está localizada no subsector VII, ao longo de 3 planos sucessivos.

No sector A, a presença de materiais campaniformes verifica-se numa área muito restrita de 6 planos sucessivos, no que se julga ser uma deposição primária correspondente a um momento de ocupação de área da encosta de pente menos acentuada e eventualmente “afeiçoada”.

A amostragem recuperada, com ausência de rolamento, é apenas uma pequena fracção da originalmente existente, compatível com a presença de várias unidades habitacionais, dispersas ao longo da encosta.

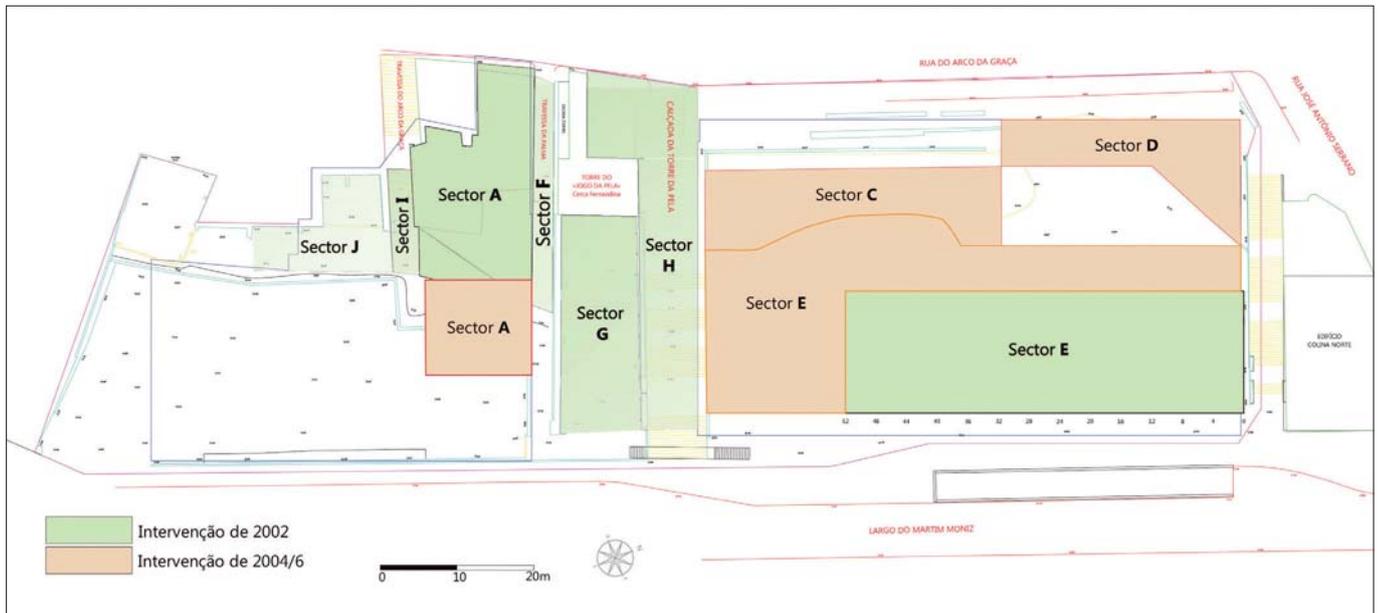


Fig. 3 – Encosta de Sant'Ana. Planta dos sectores intervencionados nos dois ciclos de trabalhos arqueológicos (2002 e 2004-2006).

3 – ESTUDO DOS MATERIAIS

O presente estudo interessa a totalidade dos materiais atribuídos ao Calcolítico recolhidos nas duas fases de intervenção, que permaneceram inéditos. O conjunto pré-histórico exumado foi integralmente desenhado, e não foram contabilizados os fragmentos de recipientes lisos, presentes em elevado número, por serem em geral discutíveis quanto à sua atribuição crono-cultural.

3.1 – Cerâmicas decoradas campaniformes

Foram estudados 23 fragmentos cerâmicos decorados campaniformes, dos quais 8 com bordo. As pastas mostram-se em geral de fraca qualidade, tendencialmente grosseiras, mesmo nos exemplares correspondentes a pequenos recipientes. As superfícies, de tonalidade castanha a anegrada, parecem possuir em alguns casos uma aguada para as tornar mais regulares e suaves ao tacto.

A presença de preenchimento intencional de pasta branca nas decorações, visível em alguns dos fragmentos observados (n=6), teve o intuito de lhes reforçar o impacto visual (Fig. 5, n.º 2 e 5; Fig. 6, n.º 1, 3, 7 e 10). Trata-se de prática generalizada, tendo sido reconhecida na Galiza, na Meseta, na Andaluzia e, também, em exemplares portugueses, tanto da região do Sudoeste, como da Estremadura, e em particular nesta região, em 11 fragmentos recolhidos em Freiria, todos com decorações incisadas (CARDOSO, CARDOSO & ENCARNÇÃO, 2013, Fig. 15, n.º 12; Fig. 20, n.º 3; Fig. 22, n.º 3 e 16; Fig. 25, n.º 3 e 15; Fig. 29, n.º 13; Fig. 31, n.º 9; Fig. 33, n.º 17; Fig. 39, n.º 11; e Fig. 40, n.º 13). Recentemente, foi identificada em exemplar campaniforme do povoado fortificado de Vila Nova de São Pedro, tendo a respectiva análise química revelado tratar-se de preenchimento de pasta óssea (CHAVES, 2022), conclusão que corrobora a obtida em exemplares espanhóis.

Tendo presente a forma dos recipientes e as suas dimensões, a técnica e os padrões decorativos, foi possível elaborar a seguinte distribuição:

- um vaso campaniforme de grandes dimensões com decoração pontilhada (Fig. 4, n.º 4);
- dois vasos campaniformes de dimensões pequenas a médias com decoração incisa (Fig. 6, n.º 6 e 9);
- um vaso campaniforme de médias dimensões com decoração pontilhada (Fig. 5, n.º 4);
- dois vasos campaniformes ou caçoilas de dimensões pequenas a médias com decoração incisa (Fig. 7, n.º 2 e 4);
- um vaso campaniforme ou caçoila de pequenas dimensões com decoração incisa e impressa (Fig. 4, n.º 1);
- um vaso campaniforme ou caçoila de médias dimensões com decoração pontilhada (Fig. 7, n.º 1). Trata-se de um fragmento de bordo com decoração de bandas preenchidas interiormente a pontilhado, espaçadas entre si;
- duas caçoilas de dimensões pequenas a médias com decoração incisa (Fig. 5, n.º 5; Fig. 7, n.º 3). O exemplar da Fig. 5, n.º 5 contém pasta branca na decoração.
- três taças Palmela com decoração incisa – 3 exs. (Fig. 5, n.º 1 a 3). Um dos exemplares possui a particularidade de possuir preenchimento na decoração de pasta branca. (Fig. 5, n.º 2);
- três taças em calote de médias dimensões com decoração incisa (Fig. 4, n.º 2 e 3; Fig. 6, n.º 10); Um dos fragmentos de bojo contém pasta branca (Fig. 6, n.º 10);
- formas indeterminadas com decoração incisa – 3 exs. (Fig. 6, n.º 1, 3, 5). Em 2 pequenos fragmentos apresentam no interior da decoração com preenchimento de pasta branca (Fig. 6, n.º 1 e 3).

- forma indeterminada com decoração incisa e impressa, apresentando preenchimento a pasta branca (Fig. 6, n.º 7).
- formas indeterminadas com decoração pontilhada – 3 exs. (Fig. 6, n.º 2, 4 e 8).

No conjunto, dominam os vasos campaniformes ou caçoilas de dimensões pequenas a médias, estando também presentes grandes recipientes, e taças tipo Palmela.

Do ponto de vista decorativo, 15 fragmentos ostentam a técnica incisa, 6 fragmentos exibem a técnica a pontilhado, sendo para tal utilizada matriz de dentes de secção sub-rectangular; 2 exemplares apresentam coexistência da técnica incisa e da técnica impressa. Tal coexistência, num mesmo exemplar, foi observada em dois fragmentos que correspondem a recipientes de médias dimensões (Fig. 4, n.º 1; Fig. 6, n.º 7). Em ambos, a larga maioria do campo decorado foi executada por incisão, verificando-se uma linha delimitando inferiormente aquele, obtida por impressões produzidas com uma extremidade romba de contorno elipsoidal, análoga às impressões do grupo da “folha de acácia”, característico do Calcolítico Pleno/Final da Estremadura. Esta evidência mostra que a técnica de folículos impressos pode ocorrer esporadicamente em certas produções campaniformes tradicionalmente consideradas como tardias, revelando a mescla de influências com as produções não-campaniformes, de carácter regional. Na estação do Monte do Castelo identificou-se situação análoga, no caso relacionada com a decoração de uma grande taça Palmela (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996, Fig. 8, n. 1); em, Leião, foi observado o mesmo em dois fragmentos de grandes caçoilas (CARDOSO, 2010/2011 b, Fig. 8, n.º 12 e 13; Fig. 11, n.º 4), tal como em diversos exemplares de Freiria (CARDOSO, CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013, Fig. 17, n.º 7 e Fig. 27, n.º 1) e, ainda, entre outros, num exemplar, também de grandes dimensões, no Alto do Cidreira (NETO, REBELO & CARDOSO, 2020, Fig. 9, n.º 10).

3.2 – Produções não-campaniformes

- Recipiente globular de grandes dimensões decorado com sulcos largos incisos representado por dois fragmentos (Fig. 7, n.º 5 e 6), que pertencem certamente ao mesmo exemplar, até por terem sido recolhidos no mesmo sector e quadricula. Trata-se de produção destinada ao armazenamento, com inúmeros paralelos em exemplares recolhidos em Leceia, na Camada 2, em contextos do Calcolítico Pleno/Final coevas das produções campaniformes (CARDOSO, 2006).

3.3 – Cerâmicas industriais

- Chinchos: foram recolhidos 4 fragmentos, todos com bordo: 1 exemplar no Sector A (Fig. 8, n.º 2); 2 exemplares no Sector E (Fig. 8, n.º 3 e 4); e 1 exemplar no Sector H (Fig. 8, n.º 5).

Trata-se de elementos cerâmicos com as paredes perfuradas e desprovidos de fundo, utilizados no fabrico de queijo ou outros derivados do leite, idênticos aos exemplares recolhidos em contextos coevos de sítios fortificados, como Leceia, Oeiras, representados por 25 peças, exclusivas da Camada 2 (CARDOSO, 2006), ou Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (CARDOSO, 2014 a, Fig. 50 e 51), onde são relativamente mais abundantes. Noutros locais a sua existência é bem menor, como é o caso registado na Penha Verde, Sintra, apenas com dois exemplares recolhidos (CARDOSO, 2010/2011 a, Fig. 43, n.º 3; ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, Est. 5, n.º 28). Em Freiria, Cascais, estação onde se recolheram, no conjunto das cerâmicas decoradas, exclusivamente produções campaniformes, apenas se identificou um exemplar (CARDOSO,

CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013 Fig. 22, n.º 12). Idêntica escassez verificou-se no povoado muralhado do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019). Assim, a maior ou menor abundância relativa destas produções cerâmicas, no conjunto da olaria doméstica identificada em cada um daqueles sítios, fornece indicações indirectas sobre a importância das actividades de transformação do leite, e, deste modo, sobre a presença dos rebanhos de caprinos na economia agro-alimentar das respectivas populações.

3.4 – Restos metálicos

Na Fig. 8, n.º 1 apresenta-se porção de cobre informe. Tais exemplares são comuns em contextos habitacionais do Calcolítico Pleno/Final, sendo testemunho de operações metalúrgicas realizadas nos respectivos povoados. É o caso dos exemplares recolhidos no povoado de Leceia, na Camada 2 correspondente ao Calcolítico Pleno/Final (CARDOSO, 1994; CARDOSO et al., 2020), Moita da Ladra (CARDOSO, 2014 a, Fig. 53), e Outeiro Redondo, Sesimbra (CARDOSO, 2019, Fig. 150, n.º 1 a 20).

4 – INTEGRAÇÃO REGIONAL

A presença calcolítica na Encosta de Sant’Ana inscreve-se no conjunto das numerosas estações consideradas tardias, no quadro das produções campaniformes da Baixa Estremadura, caracterizadas pelo domínio das cerâmicas com decorações incisadas e rarefacção dos vasos campaniformes “marítimos” característicos dos conjuntos considerados mais antigos (Fig. 9).

Numa síntese da informação documental disponível para a cidade de Lisboa, em curso de publicação (SOUSA et al., 2023), são reportadas, embora com importância desigual, 11 ocorrências com registo de recolha de cerâmica campaniforme: Palácio Vaz de Carvalho; Praça da Figueira; Alto das Perdizes; Monsanto 1/ Santana; Sete Moinhos; Vila Pouca; Cerca dos Jerónimos; Pedrouços; Junqueira; Montes Claros; e Rio Seco – Quartéis (Ajuda).

Nestes sítios, as produções campaniformes correspondem sempre a presenças disseminadas e pouco importantes nas estações onde ocorrem, associadas a um povoamento disperso, representadas por cerâmicas quase totalmente incisadas, reocupando frequentemente sítios abandonados desde o Neolítico Final.

Em Sete Moinhos, tal como em outras estações, a reduzida potência estratigráfica e as afectações do uso do solo, impediram a conservação da estratigrafia original (CARREIRA, 1995).

A circunstância de muitos dos sítios corresponderem a recolhas avulsas, resultado de prospecções antigas ou de acompanhamentos de obras, também limita a informação; no entanto, a implantação dos sítios deixa compreender claras relações com o Tejo.

Para a área de Lisboa, é de realçar que são muito escassos os estudos resultantes de escavações recentes, com os inerentes estudos de materiais, limitando-se aos contextos de Monsanto – Montes Claros (CARDOSO & CARREIRA, 1995) e às importantes intervenções da Travessa das Dores/ Rio Seco (NETO, REBELO & CARDOSO, 2017; 2019) a que se somam os resultados, muito mais limitados, obtidos em área próxima desta, na Rua dos Quartéis, com cerâmicas campaniformes incisadas (BASÍLIO & PEREIRO, 2017), constituindo como que um único espaço habitado, numa zona onde confluíam antigas ribeiras, sendo a mais importante a do Rio Seco, que desembocava no rio Tejo, à data muito próximo da estação.

Os espólios relacionados com a ocupação neolítica e calcolítica desta estação na zona do Rio Seco, onde recentemente foram realizadas extensas escavações pela empresa Neoépica encontram-se em estudo, entre

outros, por dois dos signatários (FM e JLC), tendo sido identificadas, residualmente, produções campaniformes, ao contrário do observado no local imediatamente adjacente, a Travessa das Dores, que revelou presenças do Neolítico Final e do Calcolítico (sem campaniforme).

Com base nas datações absolutas obtidas até o presente (CARDOSO, 2010/2011 a; CARDOSO, 2014 b; CARDOSO, 2017) pode concluir-se que as cerâmicas campaniformes do Grupo Inciso se desenvolveram na Baixa Estremadura e, em particular, na região ribeirinha do estuário do Tejo por largo lapso temporal, que abarca toda a segunda metade do 3.º milénio a.C., com eventual prolongamento pelo início do milénio seguinte. Deste modo, os pequenos núcleos humanos de raiz familiar, que então se generalizaram pelos férteis terrenos da região a norte do estuário do Tejo, correspondem a período de larga diacronia, coincidindo a sua eclosão e proliferação (instantânea, à escala do registo arqueológico) com a derradeira fase da ocupação do grande povoado de Leceia, cujo dispositivo defensivo se encontrava em finais do milénio em evidente declínio. Na maioria dos casos, tais núcleos encontram-se implantados em áreas de encosta levemente onduladas, como o Monte do Castelo (CARDOSO; NORTON & CARREIRA, 1996) e Leião (CARDOSO, 2010/2011 b), no concelho de Oeiras, ou Freiria, no concelho de Cascais (CARDOSO; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013).

A relação destes núcleos domésticos com férteis terrenos de cultivo – onde se praticaria uma agricultura diversificada, sobretudo a cerealicultura e horticultura, ao longo das linhas de água, bem como a criação de gado (bovino, caprino e suíno) – encontra-se igualmente evidenciada em outro sítio implantado em encosta suave, junto da ribeira de Algés, hoje completamente desfigurado, o Casal de Barrinhos (CARREIRA, CARDOSO & LOPES, 1996), que forneceu um conjunto notável de produções campaniformes.

Noutros casos, elegeu-se o topo de colinas destacadas na paisagem, como é o caso do povoado do Alto do Montijo, na região de Sintra (CARDOSO & CARREIRA, 1996) e, nas imediações de Lisboa, o já referido povoado de Montes Claros, de onde provém o conjunto até agora mais abundante e coerente de produções campaniformes do Grupo Inciso (CARDOSO & CARREIRA, 1995; HARRISON, 1977).

A estes sítios poder-se-ia ainda juntar o povoado de Carnaxide, implantado em extenso trecho da encosta esquerda do vale do rio Jamor. Apesar de incompletas, as informações publicadas indicam, tal como nos sítios anteriormente referidos, predominância das produções incisivas (ANDRADE & GOMES, 1959; CARDOSO & CARDOSO, 1993).

Os dados existentes indicam que a segunda metade do 3.º milénio a.C. foi, na Baixa Estremadura, um tempo contraditório: verificou-se o desinvestimento na manutenção de alguns dos povoados fortificados calcolíticos que tinham assumido na 1.ª metade desse milénio grande importância, sem prejuízo de terem continuado activos, como é o caso de Leceia, enquanto outros, fundados *ex-novo*, em meados do 3.º milénio a.C., com igual implantação em altura, como é o caso de Penha Verde e de Moita da Ladra e, já no concelho de Sesimbra, do Outeiro Redondo, se mantêm ocupados até finais do 3.º milénio a.C.

Face ao exposto, o conjunto campaniforme e não-campaniforme ora estudado, que corresponde a uma única fase de ocupação, inscreve-se no cada vez mais abundante reportório de estações registadas na região com ocorrência de materiais comparáveis, de encosta, no caso voltada a nascente e em estreita relação com o curso de água que se prolongava pelo esteiro adjacente, afigurando-se por isso muito semelhante à implantação da estação de Casal dos Barrinhos. O carácter disperso dos materiais revela a existência de pequenas unidades habitacionais, compatível com a escassez da informação arqueológica, dificultada ainda pelas sucessivas reocupações do espaço em épocas posteriores, fustigado ainda por sucessivos eventos naturais catastróficos.

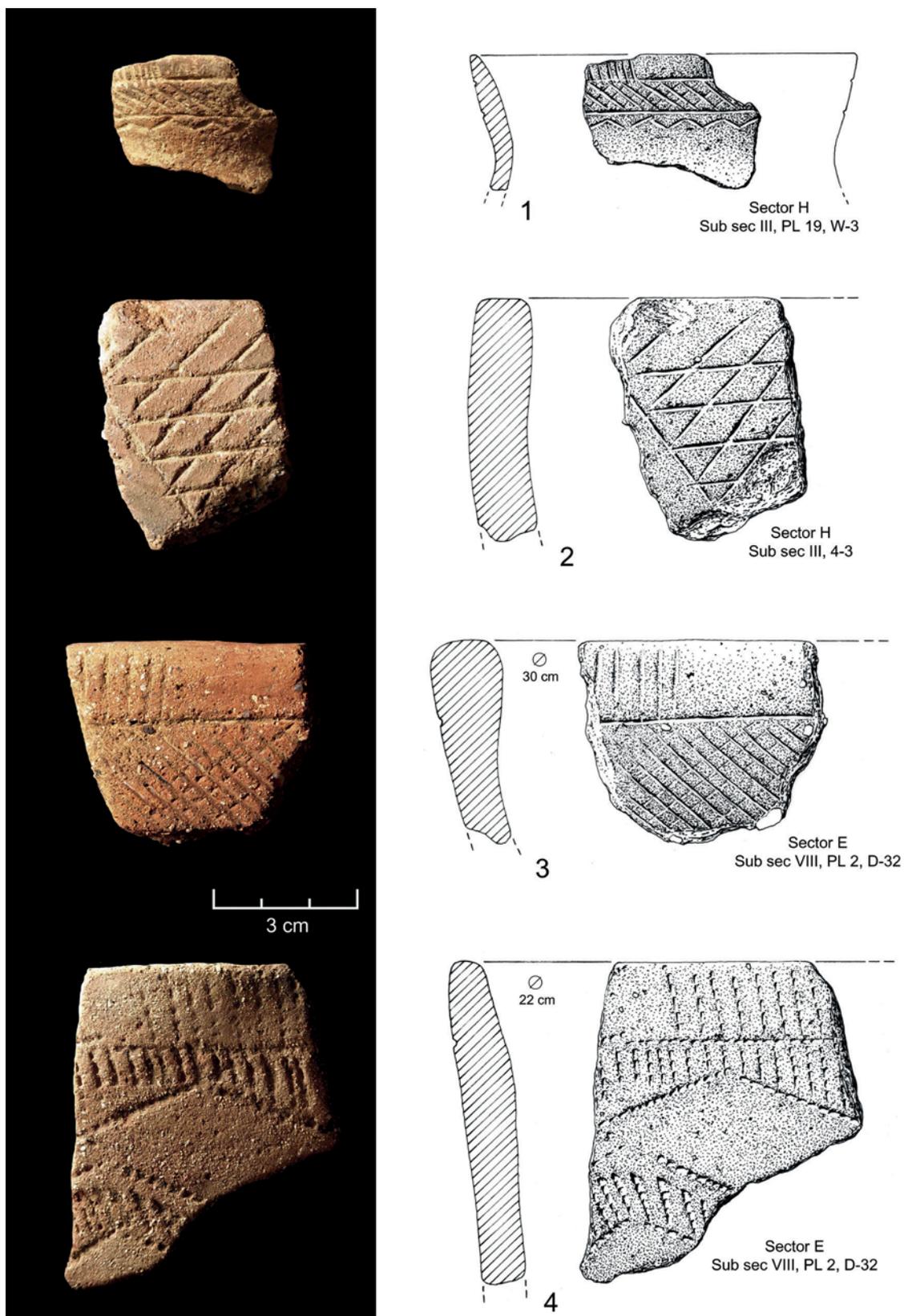


Fig. 4 - Encosta de Sant'Ana. Cerâmica decorada campaniforme. Desenhos e fotos de Filipe Martins.

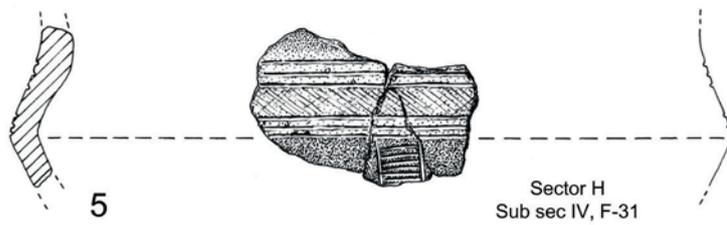
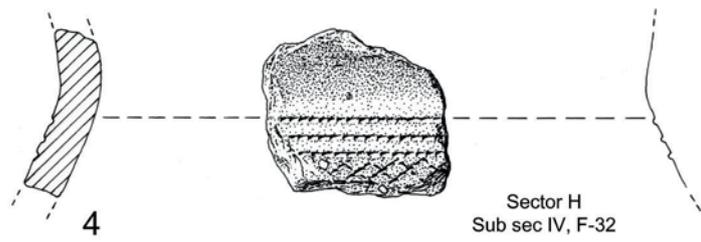
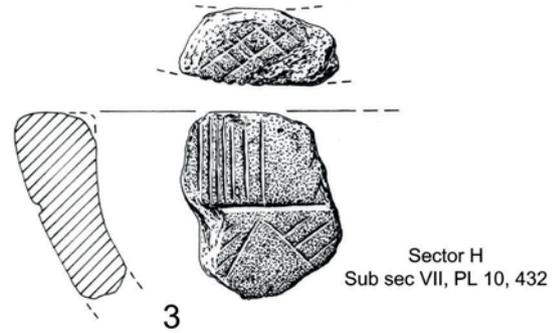
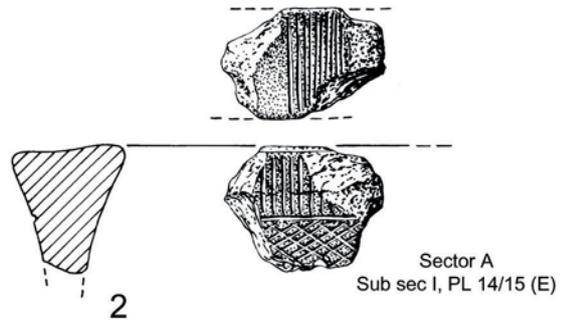
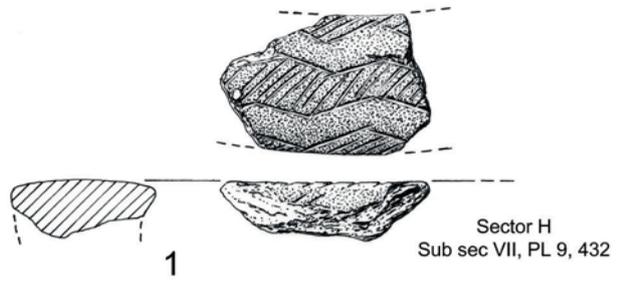


Fig. 5 – Encosta de Sant'Ana. Cerâmica campaniforme. Desenhos e fotos de F. Martins.

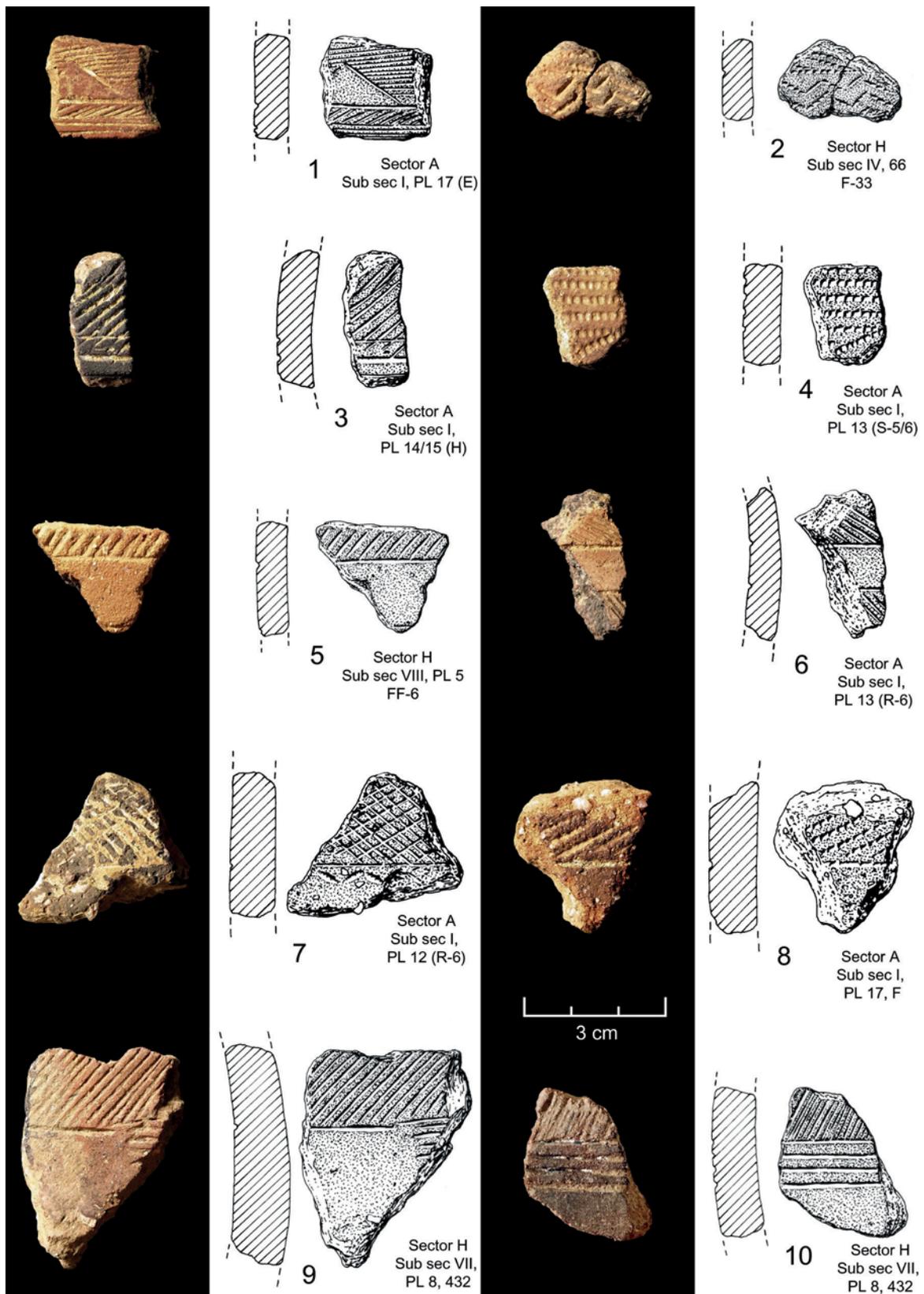


Fig. 6 – Encosta de Sant'Ana. Cerâmica campaniforme. Desenhos e fotos de F. Martins.

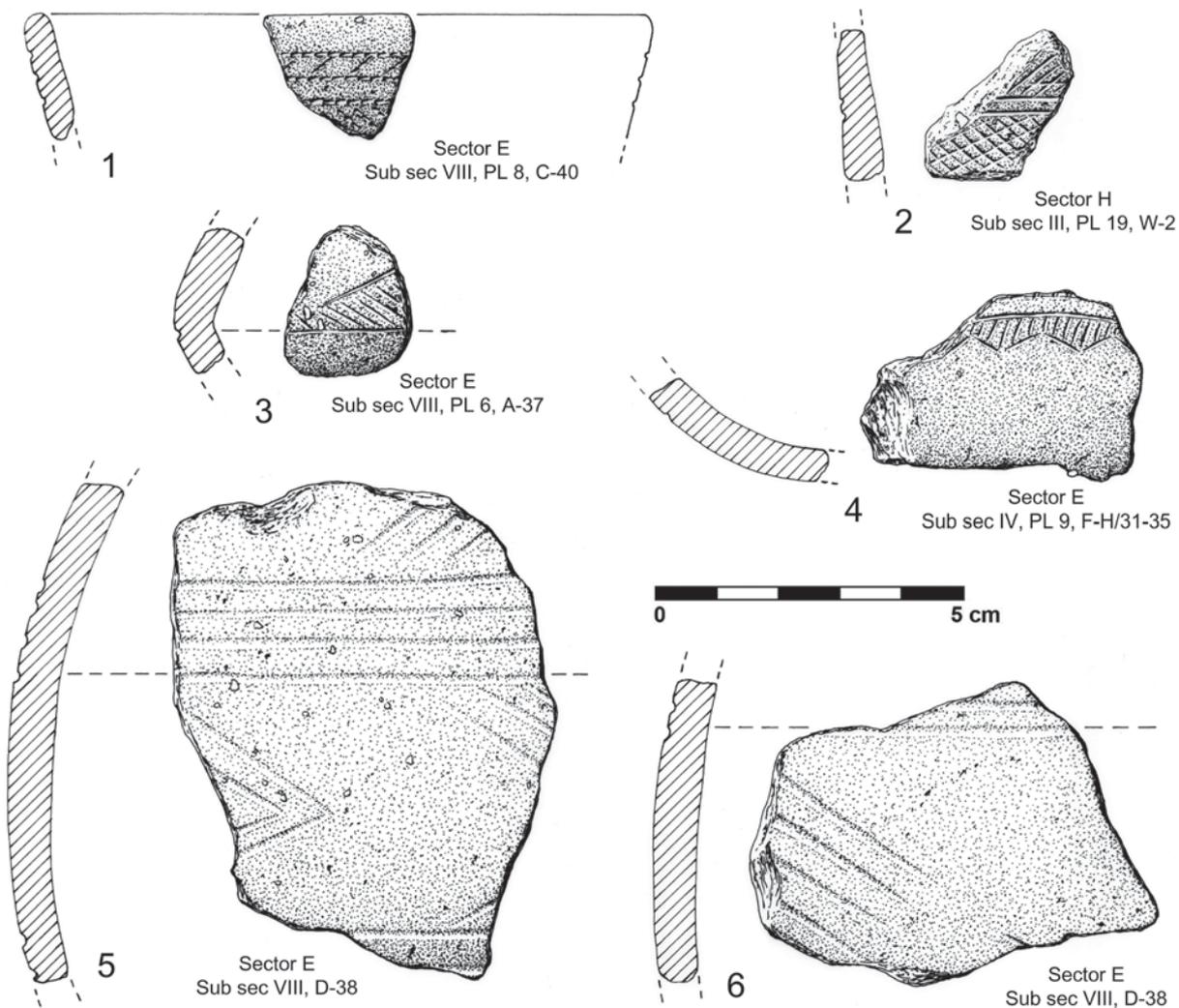


Fig. 7 - Encosta de Sant'Ana. Cerâmica campaniforme e não-campaniforme. Desenhos de F. Martins.

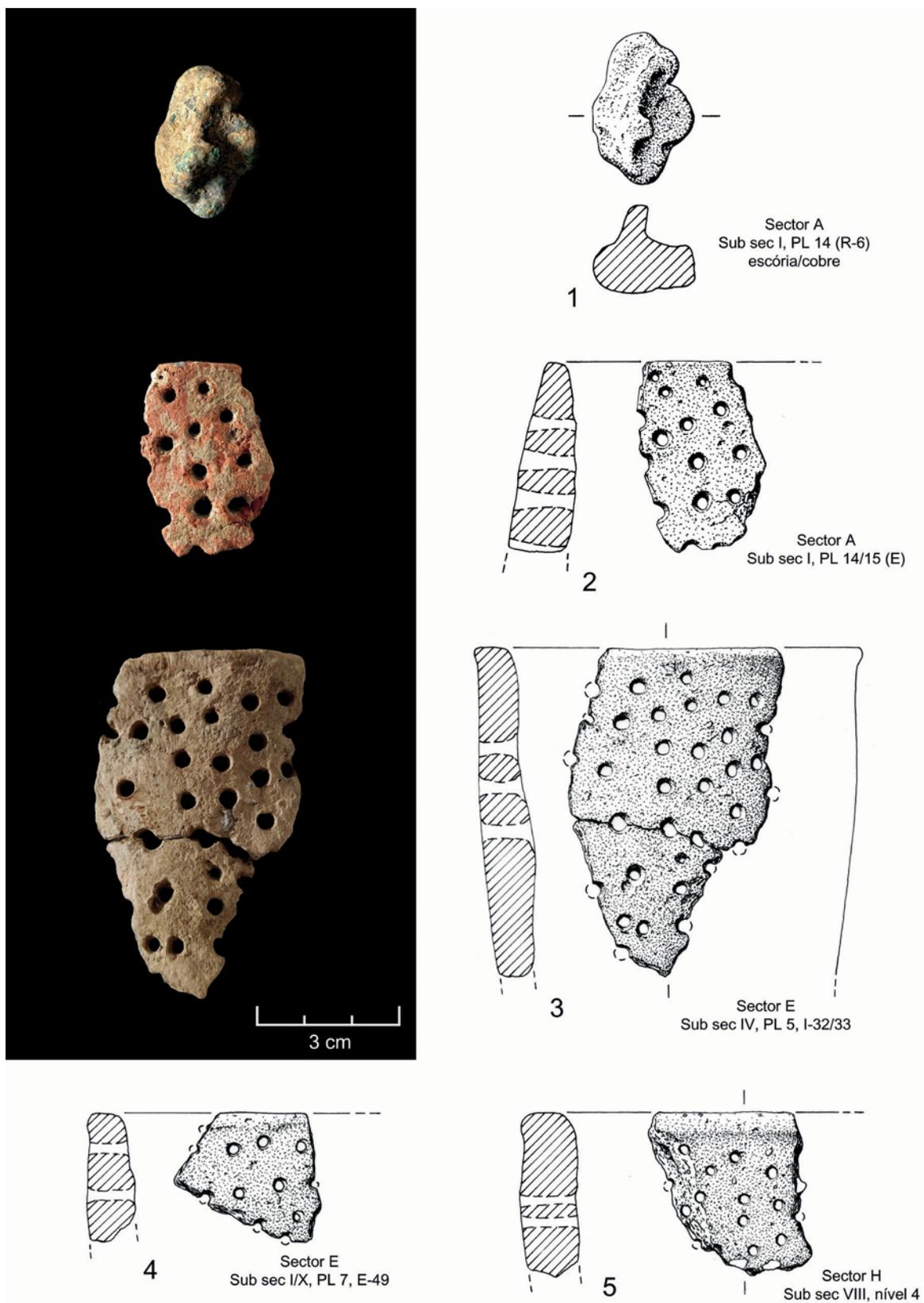


Fig. 8 – Encosta de Sant’Ana. 1- Escória/pingo de fundição; 2 a 5 – Fragmentos de cinchos. Desenhos e fotos de F. Martins.

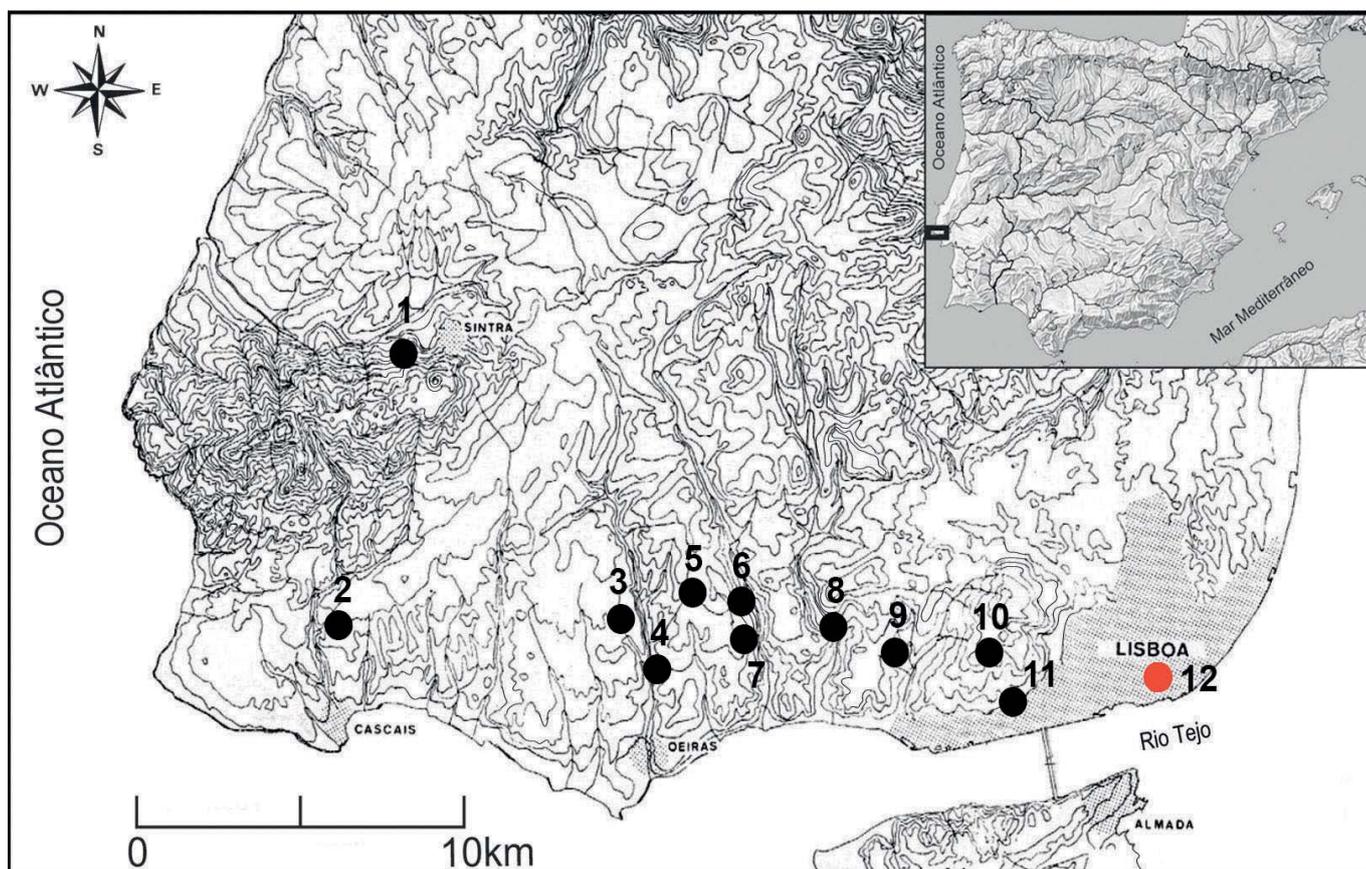


Fig. 9 – Localização das principais estações campaniformes ou com espólios campaniformes da região ribeirinha da margem norte da foz do Tejo referidas no texto: 1 – Penha Verde (Sintra); 2 – Alto do Cidreira; 3 – Povoado de Freiria; 4 – Gruta funerária da Ponte da Laje; 5 – Casal agrícola de Leião; 6 – Povoado Leceia (Oeiras); 7 – Casal agrícola do Monte do Castelo; 8 – Povoado de Carnaxide; 9 – Casal de Barrinhos; 10 - Povoados de Montes Claros de Sete Moinhos; 11 – Rio Seco; 12 – Encosta de Sant’Ana.

5 – CONCLUSÕES

Do estudo efectuado avultam as seguintes conclusões gerais:

- A Encosta de Sant’Ana revelou, apesar dos escassos materiais recolhidos, uma ocupação habitacional precária e pouco significativa do Calcolítico Pleno/Final, caracterizada pela presença de escassas cerâmicas campaniformes, com um elevado grau de fragmentação, mas não roladas, afastando a possibilidade de serem originárias de outros locais situados a montante, as quais se encontravam associadas a produções coevas não-campaniformes (horizonte “folha de acácia/crucífera”). Esta ocupação terá ocorrido em toda a encosta, conforme indica a distribuição dos materiais na área intervencionada. O conjunto afigura-se homogéneo, relacionado com a existência de uma pequena comunidade que, durante um período de tempo relativamente curto, ocupou o local, aí desenvolvendo diversas actividades domésticas, entre as quais o fabrico de queijo e talvez a metalurgia.

- A tipologia dos recipientes campaniformes e não-campaniformes sugere duas utilizações principais: a armazenagem, ilustrada sobretudo pelos grandes vasos esféricos com decorações do grupo “folha de acácia/crucifera”, complementada pelas caçoilas de médias e grandes dimensões; e a confecção, seguida do consumo dos alimentos, representados especialmente por recipientes abertos, como as taças tipo Palmela, a que se juntam algumas caçoilas campaniformes de pequenas dimensões.
- Embora a técnica incisa seja largamente dominante no conjunto cerâmico campaniforme, identificaram-se exemplares com decoração a pontilhado, e a coexistência de decorações incisadas e impressas. Foram também observados em alguns exemplares enchimentos de pasta branca no interior das referidas decorações. Esta realidade é condizente com a observada em outras associações campaniformes, afigurando-se a presença de pasta branca um indício da relação com as produções da Meseta, do Grupo Ciempozuelos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, G. M. & GOMES, J. J. F. (1959) – Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 137-146.
- ANGELUCCI, D. E.; COSTA, C. & MURALHA, J. (2004) – Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa): considerações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (2), p.27-47.
- ANGELUCCI, D.; SOARES, M.; ALMEIDA, L.; BRITO, R. & LEITÃO, V. (2007) – Neolithic occupation and mid-holocene soil formation at Encosta de Sant’ Ana (Lisbon, Portugal): a geoarchaeological approach. *Journal of Archaeological Science*. 34, p. 1641-1648.
- BASÍLIO, A. C., & PEREIRO, T. (2017) – Pedacos de um passado comum: ocupações do 4º e 3º milénios a.C. na zona do Rio Seco/Boa Hora (Ajuda). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 12, p. 37-44.
- CARDOSO, J. L. (1994) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Número especial. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1995) – Ocupação campaniforme do povoado de Montes Claros. In JORGE, S. O. (coord.), *A Idade do Bronze em Portugal - Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 35.
- CARDOSO, J. L. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras.14, p. 9-276
- CARDOSO, J. L. (2010/2011 a) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-551.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011 b) – Ocupação campaniforme de Leão. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 9-32.
- CARDOSO, J. L. (2013) – A necrópole campaniforme da gruta da Ponte da Lage (Oeiras): estudo dos espólios cerâmicos e metálicos e respectiva cronologia absoluta. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 589-604.
- CARDOSO, J. L. (2014 a) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 217-294.
- CARDOSO, J. L. (2014 b) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid.71 (1), p. 56-75.

- CARDOSO, J. L. (2017) – O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade. GONÇALVES, V. S. (ed.), *Sinos e taças Junto ao Oceano e mais longe aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 127-141 (Estudos & Memórias 10).
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1995) – O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 277-298.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) – *Carta arqueológica do concelho de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras 4).
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. & LOPES, F. P. (1996) – A estação pré-histórica do Casal de Barronhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 301-316.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. (2013) – O campaniforme de Freiria (Cascais). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 525-588.
- CARDOSO, J. L.; MARTINS, F. & LEITÃO, V. (2023) – A Encosta de Sant’Ana no quadro da economia alimentar do Neolítico Antigo da Península de Lisboa. Neste volume.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J. & CARREIRA, J. R. (1996) – Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 287-299.
- CARDOSO, J. L.; BOTTAINI, C.; MIRÃO, J.; SILVA, R. J. & BORDALO, R. (2020) – O espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Inventariação e estudo analítico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 26, p. 41-66.
- CARREIRA, J. R. (1995) – A ocupação pré-histórica do Alto de Sete Moinhos (Lisboa). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 2, p. 41-49.
- CHAVES, R. (2022) – *Cerâmica calcolítica da região de Lisboa: caracterização arqueométrica de cerâmica pré-histórica*. Tese de doutoramento em Conservação e Restauro do Património. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The Bell Beaker Culture of Spain and Portugal*. Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University, Cambridge, Massachusetts.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1944) – Estação pré-histórica de Montes Claros-Monsanto. *Revista Municipal*. Lisboa. 20/21, p. 17-28.
- LEITÃO, V. & HENRIQUES, J. P. (2014) – Ocupação pré-histórica na encosta de Sant’Ana. *Rossio, estudos de Lisboa*. Lisboa. 3, p. 16-27.
- LEITÃO, V.; CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2021) – A estação do Neolítico Antigo da Encosta de Sant’Ana (Lisboa). Resultados das campanhas de escavação de 2004 a 2006. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 28, p. 97-198.
- MURALHA, J. & COSTA, C. (2006) – A ocupação neolítica da Encosta de Sant’Ana (Martim Moniz, Lisboa). *IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004)*. *Promontoria Monográfica, 4*. Actas. Faro: Universidade do Algarve, p. 157-169.
- NETO, N.; REBELO, P. & CARDOSO, J. L. (2020) – A oficina campaniforme de instrumentos de sílex do Alto do Cidreira, Cascais. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 27, p. 181-196.

SOUSA, A. C.; COSTEIRA, C.; COSTA, A. M.; CALKER, D. V. & CARDOSO, J. L. (2022) – Lisboa pré-histórica: uma síntese da informação conhecida em 2020. *Lisboa não é só subterrânea – 25 anos depois de uma exposição*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Lisboa (no prelo).

ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-57.